

Lingua[gem] 36

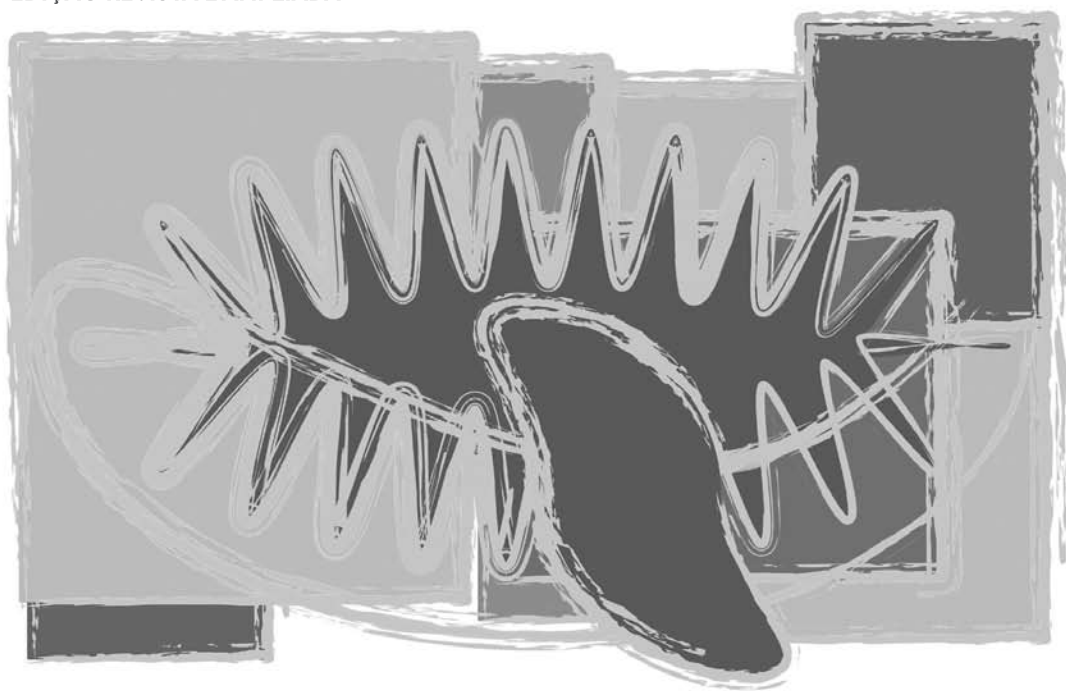


Coleção Língua[gem]

1. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa, *Marcos Bagno*, 7ª ed.
2. Língua & comunicação social – visões da linguística moderna, *Manoel Luiz Gonçalves Corrêa*, 2ª ed.
3. Por uma linguística crítica, *Kanavillil Rajagopalan*, 3ª ed.
4. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula, *Stella Maris Bortoni-Ricardo*, 6ª ed.
5. Sistema, mudança e língua – um percurso pela história da linguística moderna, *Dante Lucchesi*
6. “O português são dois” – novas fronteiras, velhos problemas, *Rosa Virgínia Mattos e Silva*, 2ª ed.
7. Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro, *Rosa Virgínia Mattos e Silva*, 2ª ed.
8. A linguística que nos faz falhar – Investigação crítica
Kanavillil Rajagopalan, Fábio Lopes da Silva [orgs.] - sob demanda
9. Do signo ao discurso – Introdução à filosofia da língua, *Inês Lacerda Araújo*, 2ª ed.
10. Ensaio de filosofia da linguística, *José Borges Neto*
11. Nós chegamos na escola, e agora?, *Stella Maris Bortoni-Ricardo*, 2ª ed.
12. Doa-se lindos filhotes de poodle – Variação linguística, mídia e preconceito, *Mª Marta Pereira Scherre*, 2ª ed.
13. A geopolítica do inglês, *Yves Lacoste [org.]*, *Kanavillil Rajagopalan*
14. Gêneros — teorias, métodos, debates, *J. L. Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth [orgs.]*, 2ª ed.
15. O tempo nos verbos do português – uma introdução a sua interpretação semântica
Maria Luiza Monteiro Sales Corôa
16. Considerações sobre a fala e a escrita – fonologia em nova chave, *Darcília Simões - sob demanda*
17. Princípios de linguística descritiva, *M. A. Perini*, 2ª ed.
18. Por uma linguística aplicada indisciplinar, *Luiz Paulo da Moita Lopes*, 2ª ed.
19. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística
U. Weinreich, W. Labov, M. I. Herzog, 2ª ed.
20. Origens do português brasileiro, *Anthony Julius Naro, Maria Marta Pereira Scherre*, 2ª ed.
21. Introdução à gramaticalização – Princípios teóricos & aplicação
Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Maria Célia Lima-Hernandes, Vânia Cristina Casseb-Galvão [orgs.]
22. O acento em português – Abordagens fonológicas, *Gabriel Antunes de Araújo [org.]*
23. Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise, *Gregory R. Guy, Ana Maria Stahl Zilles*
24. Metáfora, *Tony Berber Sardinha*
25. Norma culta brasileira – desatando alguns nós, *Carlos Alberto Faraco*, 2ª ed.
26. Padrões sociolinguísticos, *William Labov*
27. Gênese dos discursos, *Dominique Maingueneau*
28. Cenas da enunciação, *Dominique Maingueneau*
29. Estudos de gramática descritiva – as valências verbais, *Mário A. Perini*
30. Caminhos da linguística histórica – “Ouvir o inaudível”, *Rosa Virgínia Mattos e Silva*
31. Limites do discurso – ensaios sobre discurso e sujeito, *Sírio Possenti*
32. Questões para analistas do discurso, *Sírio Possenti*
33. Língua & diálogo – as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin, *Carlos Alberto Faraco*
34. Nomenclatura Gramatical Brasileira — cinquenta anos depois, *Claudio Cezar Henriques*
35. Língua na mídia, *Sírio Possenti*
36. Malcomportadas línguas, *Sírio Possenti*, 3ª edição revista e ampliada

MALCOMPORTADAS LÍNGÜAS

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



SÍRIO POSSENTI

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Banco de imagem - STOCKXPRT

CONSELHO EDITORIAL

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P889l

Possenti, Sírio

Malcomportadas línguas/ Sírio Possenti. - São Paulo: Parábola Editorial, 2009. - [Linguagem; 36]

ISBN 978-85-88456-75-4

1. Linguística - Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3. Linguagem e línguas. I. Título. II. Série.

09-5791

CDD 410

CDU 81'1

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Alto do Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

pabx: [11] 5061-92622 | fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-75-4

© do texto: Sírio Possenti

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, novembro de 2009.

Sumário



- Nota do Editor **7**
- Apresentação **9**
1. Malcomportadas línguas **11**
 2. Saber escrever, saber ler **13**
 3. Biquinho? **15**
 4. Bobagens **18**
 5. Equívocos banais **20**
 6. Notinha sobre o “lhe” **23**
 7. Negações **25**
 8. Cujos e mesóclises **28**
 9. O fenômeno é o mesmo em toda a parte? **30**
 10. Curiosa lógica **34**
 11. Sotaques **36**
 12. Operar o sotaque? **39**
 13. Dinossauros **43**
 14. Risco de morte? **45**
 15. O drama da escrita **49**
 16. Teflão, revelhão **51**
 17. Classificar palavras **54**

18. A dupla face das revisões **56**
19. Umas metáforas **59**
20. Alguma precisão, por favor **61**
21. Eles não acertam uma **66**
22. Língua: o que é isso? **68**
23. O que faz falta **71**
24. Regências variáveis **74**
25. Do riso ao trote **76**
26. São todas? Todas são? **78**
27. Perguntas **80**
28. Pronunciar fonemas? **82**
29. Consulta **85**
30. Aprender a escrever **87**
31. Leitura é trabalho **90**
32. Numa viagem **93**
33. Trata(m)-se de... **95**
34. Com mais propriedade **97**
35. Credibilidade **99**
36. Curvas e relativas **101**
37. Idiomatismos **103**
38. Pequenos grandes erros **106**
39. Rigor demais, rigor de menos **109**
40. Politicamente correto **112**
41. A onda do politicamente correto e a escola **114**
42. Esboço de um ensaio **117**
43. Mas o que faz mesmo um linguista? **122**
44. Programa mínimo, **124**
- Índice de nomes, **126**

Nota do Editor



Esta é a terceira edição de *Malcomportadas línguas*, de Sírio Possenti. As duas edições anteriores foram publicadas pela Editora Criar de Curitiba (2001 e 2003). Com a extinção da Criar, incorporamos *Malcomportadas línguas* ao catálogo da Parábola Editorial e agora o apresentamos em terceira edição revista e ampliada.

É preciso dizer que se trata do mesmo livro, que se impôs a nós tanto por seu autor quanto pela força de seu título. Mas, da edição anterior, foram eliminados os textos que perderam impacto e interesse para o leitor de nossos dias. Por isso, também podemos dizer que se trata de um novo livro, enriquecido com textos mais recentes, adicionados a uma seleção de textos das edições anteriores que mantinham plena atualidade, como, por exemplo, o texto que dá título ao livro e o abre (“Malcomportadas línguas”) e aquele que o conclui, “Programa mínimo”, que deveria ser lido por todos os professores e por todos os responsáveis pelo ensino de língua no Brasil, em todas as instâncias educacionais.

Esse é o momento de dizer que, para nós, publicar *Malcomportadas línguas* significa muito. As reflexões que Sírio Possenti desenvolve em seus textos semanais merecem encontrar um público maior do que aquele que tem acesso a elas, porque tais textos vão além desse intervalo temporal e propõem um novo olhar sobre os fatos de nossa língua,

sempre em sentido contrário ao das manias dos gramatiquieiros. Possenti parte quase sempre do tratamento equivocado conferido pela mídia a questões de língua e, nesse movimento, repõe essas mesmas questões em perspectiva e propõe um olhar diferente do olhar cristalizado dispensado aos fatos de língua pela mídia e pela escola pobre, rotineira e acomodada. Há um mundo novo a ser explorado pelos professores no continente formado pela pesquisa linguística brasileira dos últimos quarenta anos. E, aqui, esse exercício, que poderia ser cansativo, torna-se divertido, porque Sírio Possenti se permite ironizar e abordar com humor temas que normalmente são analisados muito secamente.

Não é para especialistas que este livro, em sua nova veste, foi mantido em nosso catálogo. Não que lhe faltem o mesmo rigor e a mesma precisão de *Questões para analistas do discurso* (2009), por exemplo. Ou de *Os limites do discurso* (2009). É porque o interlocutor que ele busca aqui é, além do professor de língua, o falante comum, que tirará máximo proveito dessas “malcomportadas crônicas”, nas quais Possenti aborda, de modo quase leve e nada conservador, a língua nossa de cada dia, levando o leitor a apreendê-la em movimento e mudança.

Diante disso, só nos cabe desejar que *Malcomportadas línguas*, em edição revista e ampliada, encontre novos e muitos leitores, para que “as diferenças culturais” — manifestadas de modo tão expressivo na fala e na escrita — possam “ser vistas como riqueza”, para muito além da uniformidade forçada dos malfadados consultórios gramaticais e do anacronismo das aulas de língua materna e de línguas em geral.

MARCOS MARCIONILO
São Paulo, novembro de 2009

Apresentação



Malcomportadas línguas volta com outros textos, mas com a mesma orientação da edição anterior: denunciar o pensamento único e generalizadamente atrasado em relação às línguas. Trata-se de pequenas análises, sem pretensão de exaustividade e mesmo de grande precisão. A idéia é mudar a direção do olhar, geralmente incapaz de observar mesmo poucos dados com o mínimo de cuidado e de precisão.

Nos outros campos de saber, em geral, esse tipo de trabalho tem como alvo os pouco letrados — que desconhecem eventualmente fatos elementares (de economia ou de saúde e higiene, de física ou astronomia, química ou biologia). Numerosas inserções em programas de TV ou em páginas de jornal oferecem informações e explicações básicas de um conjunto de fenômenos típicos desses campos.

Não ocorre o mesmo no que se refere à língua. Quando este é o tema, é geral a ignorância ou o desconhecimento de outro tipo de estudos que não sejam os normativos — além de tudo, presos a formas linguísticas mais antigas ou mesmo a detalhes pouco relevantes, quando não inventados ou transformados em grandes problemas, o que não são. Além disso, as colunas sobre língua que circulam em nosso meio nunca ultrapassam a repetição das mesmas receitas simplificadas e resumidas.

É absolutamente necessário que os estudiosos de todos os campos, e mesmo os não especialistas, no sentido corrente desse termo, fiquem

sabendo que as línguas são outra coisa, e não aquilo de que sempre ouviram falar e em relação à qual aprenderam a repetir lugares-comuns sem nenhum sentido. O que não tem nada a ver com desprezo pela tradição e pela cultura canônica. Só a má fé poderia chegar a tal conclusão.

As pequenas colunas aqui reunidas, sempre provocadas por fatos cotidianos, representam uma tentativa, um pouco teimosa e solitária, de alterar minimamente a desoladora paisagem intelectual (para usar um glorioso lugar-comum) do campo.

Os textos aqui reunidos não se destinam a especialistas, já que eles têm à disposição, no mundo, e também no Brasil, felizmente, estudos sofisticados de todas essas questões, e de numerosas outras, pois a linguística brasileira tem grande qualidade. O leitor implícito destes textos é leigo, mas razoável (como o de Descartes, digamos). Se lhe oferecem uma alternativa, ele a entende, ele se dá conta dos fatos e das horríveis consequências de não nos darmos conta deles — para a escola, para a cidadania, para a autoestima, mas, principalmente, para o conhecimento de uma realidade rica e diversificada, sempre regida por regras, por gramáticas, ao contrário do que pensam os que se acomodaram tanto ao pouco conhecimento quanto ao preconceito.

Campinas, novembro de 2009

SÍRIO POSSENTI

Malcomportadas línguas



O estudo das línguas, especialmente durante e após o estruturalismo, leva o interessado a um complexo jogo de cintura. Ele é obrigado a deixar de acreditar que as palavras se referem diretamente às coisas, porque descobre que cada língua fala do mundo de forma diferente, mesmo quando o mundo parece ser o mesmo (exemplo clássico: não há como traduzir o francês “rivière” para o português mantendo a mesma relação com outros termos do mesmo campo semântico). Ele é obrigado a levar em conta rigorosamente critérios formais específicos para cada língua (ou para cada dialeto), exatamente porque sabe que o que vale para um caso pode não valer para outro (por exemplo, o inglês e o alemão não admitem verbos sem sujeito, coisa que o português admite). Mas, paradoxalmente, acaba descobrindo que é verdadeira a afirmação de Sapir, segundo a qual o fenômeno da linguagem é o mesmo em toda a parte e que isso significa, especialmente, que muito do que se descobre numa língua (digamos, os casos) encontra-se de repente também em outra que não tem com a primeira nenhum tipo de parentesco. Mais que isso, acaba descobrindo que forças aparentemente contraditórias atuam na mesma língua. Por exemplo: o português admite verbos sem sujeito (*chove, neva*), mas, ao mesmo tempo, cada vez mais aparecem sujeitos “desnecessários”, sem que ninguém ensine os falantes a introduzi-los ou

sem que as proibições dos gramáticos e dos professores consigam inibi-los. É só ver a ocorrência cada vez mais frequente do “se” como sujeito impessoal, como se o português fosse o inglês, o francês ou o alemão, que têm seu “se” — *it, on, es*.

O linguista curioso gosta disso, até porque sabe que em todos os domínios da natureza as coisas são assim: muito organizadas, mas, ao mesmo tempo, desorganizadas... mas segundo determinada ordem. É por isso que todos os planetas do sistema solar têm um periélio comandado pelos mesmos princípios, exceto Mercúrio. Ou seja, tanto no estudo das línguas quanto de qualquer outro domínio, encontram-se descrições extremamente sólidas, mas que logo falham, embora o contexto pareça ser o mesmo e, portanto, elas deveriam funcionar.

É por isso, entre outras razões, que há escolas e teorias diferentes num mesmo campo. Por exemplo, os sociolinguistas dividem-se entre “neogramáticos” e difusionistas. Aqueles acreditam que os fatores estruturais relevantes funcionam regularmente. Assim, se as vogais médias átonas tornam-se altas em determinado contexto, então devem tornar-se altas sempre que o contexto for o mesmo (por isso, “menina” vira [minina] e “coruja” vira [curuja]). Mas, como o demonstra Marco Antônio de Oliveira, o mais conhecido dos difusionistas brasileiros, as regras não funcionam assim. Por isso, uma palavra como “peru” acaba tendo esse estranho comportamento: pode ser [piru] quando se refere à ave (em certos dialetos, isso é regular), mas, ao mesmo tempo, sempre é [peru] quando se trata do nome do país latino-americano.

Se você for um gramático (ou qualquer outra coisa) defensor da ordem estrita, não dormirá com um barulho desses. Mas, se você for um estudioso da mudança, achará que isso não é barulho, é música.

